Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

RECEITUÁRIO: GAROTÃO DE PRATA E REGATINHA SOBRE ROSA CHOQUE

PRESCRIPTION: SILVER BOY IN MUSCLE TOP OVER HOT PINK

PRESCRIPCIÓN: CHAVAL DE PLATA Y TIRANTES SOBRE ROSA CALIENTE

Letícia Miranda
Universidade de Brasília – UnB, Brasília/Distrito Federal, Brasil

Rafael da Escóssia
Universidade de Brasília – UnB, Brasília/Distrito Federal, Brasil

Gê Orthof
Universidade de Brasília – UnB, Brasília/Distrito Federal, Brasil

Resumo

O artigo reflete sobre o *happening*/instalação interativa *time-site-specific* "Receituário", apresentada na exposição "Garotão de prata e regatinha sobre rosa choque", no Museu Nacional da República, entre setembro e novembro de 2024. Na obra, marcadores identitários se explicitam por meio da apropriação cultural, pelos artistas e participantes da ação, de uma Juliet, uma regatinha rosa-*schocking* e uma corrente de prata para realizar fotos instantâneas e fixá-las no espaço expositivo. Partindo da relação entre a crítica das instituições e o uso diário de antidepressivo/ansiolítico e PrEP, os artistas pensam a coautoria como forma de criação em arte contemporânea, denunciando o cotidiano em sua normalidade introjetada.

Palavras-chave: Happening; Performance; Identidade; Crítica institucional; Remédios.

Absctract

The article reflects on the time-site-specific interactive happening/installation "Prescription", presented at the exhibition "Silver boy in muscle top over hot pink", at the National Museum of the Republic, in Brasília, Brazil, between September and November 2024. In the work, identity markers are made explicit through the cultural appropriation, by the artists and participants in the action, of sunglasses, a hot pink tank top and a silver chain to take instant photos and fix them in the exhibition space.

MIRANDA, Letícia; DA ESCÓSSIA LIMA, Rafael; ORTHOF PEREIRA LIMA, Geraldo. RECEITUÁRIO: GAROTÃO DE PRATA E REGATINHA SOBRE ROSA CHOQUE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-21.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Based on the relationship between the critique of the institutions and the daily use of antidepressants/anxiolytics and PrEP, the artists discuss the co-authorship as a form of creation in contemporary art, denouncing everyday life in its introjected normality.

Keywords: Happening; Performance; Identity; Institutional critique; Medicines.

Resumen

El artículo reflexiona sobre el *happening*/instalación interactiva de espacio y tiempo específicos “Prescripción”, presentado en la exposición “Chaval de plata y tirantes sobre rosa caliente”, en el Museo Nacional de la República, en Brasília, Brasil, entre septiembre y noviembre de 2024. En la obra, marcadores de identidad se explicitan a través de la apropiación cultural, por parte de los artistas y participantes en la acción, de gafas de sol, una camiseta de tirantes rosa y una cadena de plata para sacar fotos instantáneas y fijarlas en el espacio expositivo. A partir de la relación entre la crítica a las instituciones y el uso cotidiano de antidepresivos/ansiolíticos y PrEP, los artistas plantean la coautoría como forma de creación en el arte contemporáneo, denunciando la cotidianidad en su normalidad introyectada.

Palabras clave: Happening; Performance; Identidad; Crítica institucional; Medicamentos.

1. Introdução

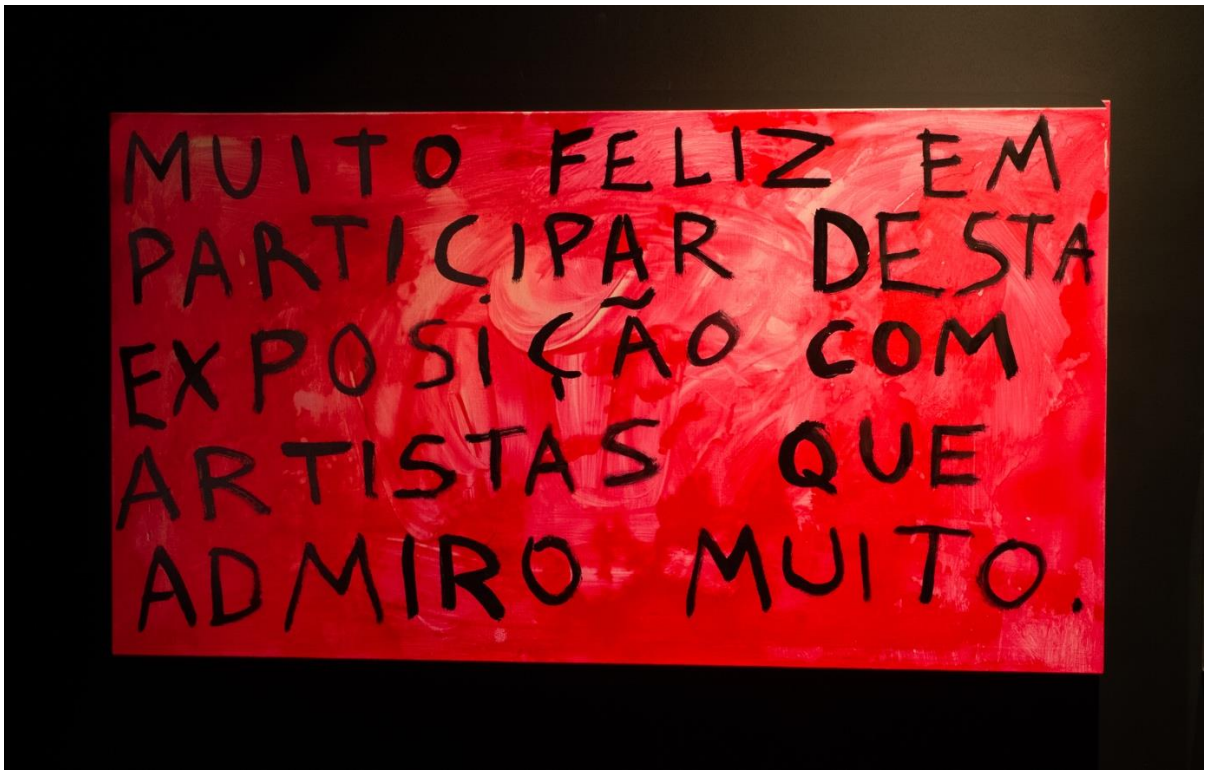
“Garotão de prata regatinha sobre rosa choque” designa uma série de pinturas realizadas de 2021 a 2024 por Rafael da Escóssia em parceria com 25 artistas. Boa parte das obras que compõem essa série foram expostas no Museu Nacional da República, em Brasília, em exposição homônima com acompanhamento curatorial de Ralph Gehre nos meses de setembro a novembro de 2024.

Inicialmente, no entanto, “Garotão de prata e regatinha sobre rosa choque” designa um programa de performance (Fabião, 2008), que vem se constituindo desde a realização da pintura “Muito feliz em participar desta exposição com artistas que admiro muito”, comissionada ao artista Gustavo Silvamaral para a exposição coletiva “É tudo mentira!”, no deCurators[1], em Brasília, 2021.[2]

[1] O deCurators é um espaço de microcuradorias. Vide: https://decurators.org/. Acesso em: 12 fev. 2025.
[2] Catálogo da exposição disponível em: https://drive.google.com/file/d/1w8IxsqCT_k103bxfz-VAPWgmYHuLqEFq/view?usp=drive_link. Acesso em: 15 jul. 2025.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 1 – Muito feliz em participar desta exposição com artistas que admiro muito



Fonte – Gustavo Silvamaral e Rafael da Escóssia. Muito feliz em participar desta exposição com artistas que admiro muito, 2021. Óleo, spray e solvente sobre tela, 60 x 110 cm. Foto por Lucena.

Tal programa (ou protocolo) desempenhado intuitivamente desde então, descrito como “palavras pretas sobre fundo cor-de-rosa”, foi o mote para a realização das obras que compuseram a referida exposição no Museu Nacional. Essas obras abordam a coautoria como forma de criação na arte contemporânea, articulando também a performance da palavra no espaço e a expansão dos limites da pintura. A investigação se desenvolve por meio de diversas técnicas, como óleo, acrílica, encáustica, aquarela, assemblagem, instalação, escultura, xilogravura, objeto, glitch art, serigrafia, fotografia e plotagem. Além disso, em conjunto, as obras, desde a perspectiva dos artistas, posicionam-se criticamente em relação às instituições.

Praticamente todos os trabalhos foram criados em dupla, num regime de parceria estipulado a partir do compartilhamento da assinatura e da divisão

Volume 2026
ISSN 2319-0868

equânime dos lucros das vendas. Cada obra lidou com negociações particulares entre os artistas. Em algumas, Rafael não participou da execução material delas. Outras foram pintadas a quatro mãos.

Em um ou outro caso, essas relações se deram a partir de afetos, interesses mútuos, diálogos e alguns embates. Ainda, o conceito fixado no protocolo orientou o desenvolvimento dos trabalhos para a demanda expositiva proporcionada pela aprovação do projeto ao Fundo de Apoio à Cultura (FAC). Isso viabilizou o pagamento dos artistas-parceiros e a realização material de parte das obras, que assumiram caráter instalacional (e "instagramável") na Galeria 3 do Museu Nacional da República.

Apesar disso, a maioria das obras possui relativa autonomia investigativa orientada pelas relações poéticas e afetivas entre os artistas e os interesses profissionais envolvidos. Ou seja, entende-se, desde a primeira obra da série, que elas podem funcionar conjunta e separadamente, o que dá margem para seu contínuo desdobramento em outras linguagens, técnicas, suportes e produtos, como este texto oriundo do *happening* proposto em parceria com Letícia Miranda.

2. Receituário

Uma das obras concebidas especialmente para a exposição "Garotão de prata e regatinha sobre rosa choque" foi a instalação interativa/*happening time-site-specific* "Receituário" em parceria com Letícia Miranda. A obra consistia em impressões em larga escala dos calendários de setembro a novembro de 2024. Ao lado, foram dispostos três elementos centrais: uma regatinha rosa-shocking serigrafada com as palavras "Me ame"[3] em letras pretas, uma corrente de prata e um par de óculos escuros Juliet. Compõem também a instalação o receituário impresso da performance ao lado de caixas de comprimidos de PrEP e Escitalopram, unidas na parede por um laçarote cor-de-rosa.

[3] Obra realizada em parceria com o artista visual Henrique Farage, denominada "Desculpa, foi no calor do momento".

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figuras 2 a 6 – Registros da obra "Receituário"





MIRANDA, Letícia; DA ESCÓSSIA LIMA, Rafael; ORTHOF PEREIRA LIMA, Geraldo. RECEITUÁRIO: GAROTÃO DE PRATA E REGATINHA SOBRE ROSA CHOQUE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-21.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868





MIRANDA, Letícia; DA ESCÓSSIA LIMA, Rafael; ORTHOF PEREIRA LIMA, Geraldo. RECEITUÁRIO: GAROTÃO DE PRATA E REGATINHA SOBRE ROSA CHOQUE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-21.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868



Fonte – Letícia Miranda e Rafael da Escóssia. "Receituário", 2024. Fotos por Jean Peixoto.

Os visitantes da exposição eram convidados a vestir a camiseta regata, a corrente de prata e os óculos, para então realizarem fotos instantâneas com uma câmera disponibilizada ao público. As fotos deveriam ser fixadas no calendário no dia referente à visita, limitadas a duas por dia. Atingido esse limite, os mediadores da

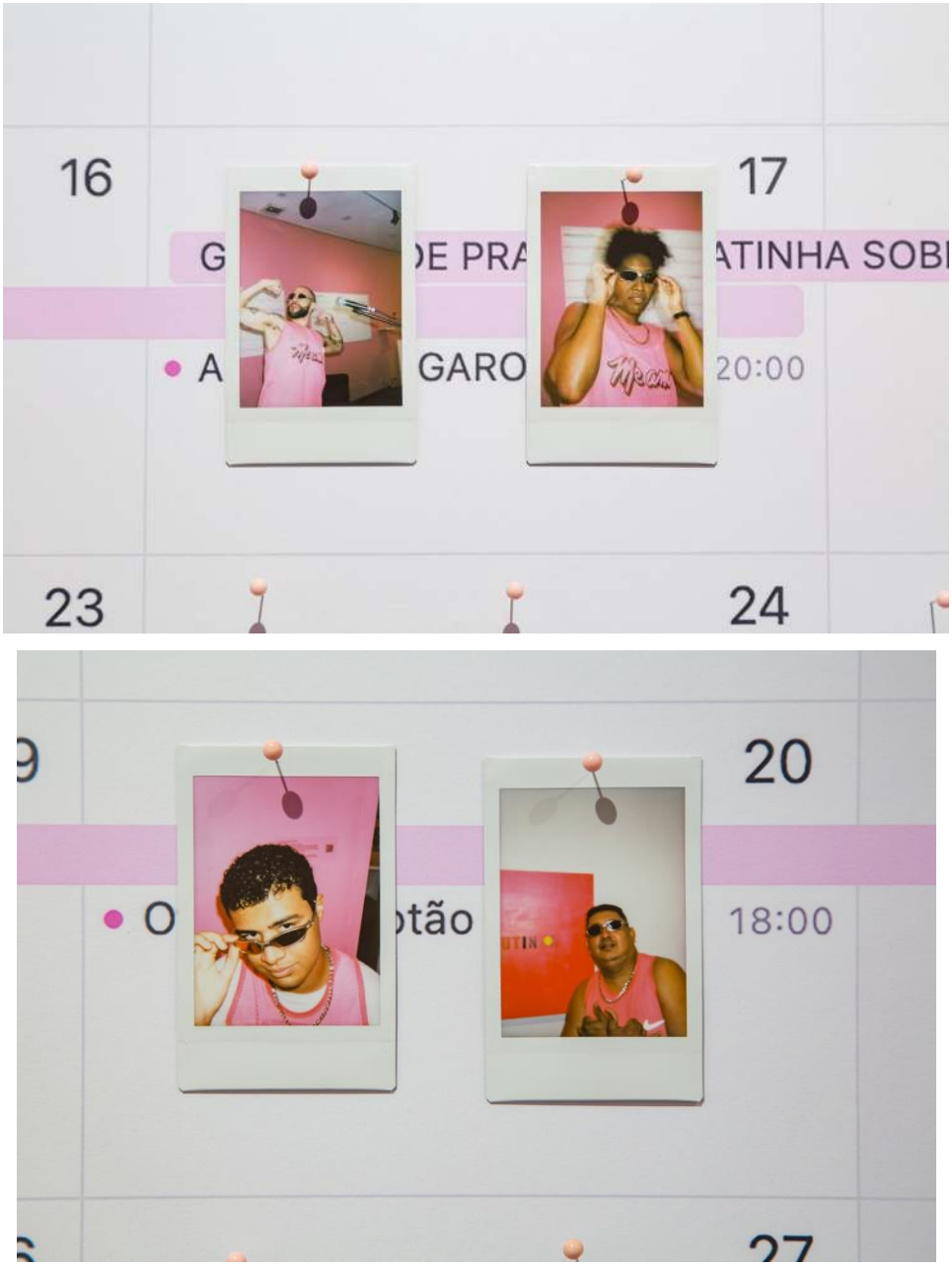
REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

mostra foram instruídos a guardar a câmera e a disponibilizar novamente apenas no dia seguinte.

Os visitantes que aceitaram fixar suas fotos instantâneas nos calendários tiveram de assinar um termo de consentimento de uso de imagem. Os adereços expostos poderiam ser usados pelos visitantes a qualquer momento, bem como outras fotos poderiam ser feitas, desde que mediante outras câmeras fotográficas.

Figuras 7 e 8 – Registros da obra "Receituário"



Fonte – Letícia Miranda e Rafael da Escóssia. "Receituário", 2024. Fotos por Jean Peixoto.

MIRANDA, Letícia; DA ESCÓSSIA LIMA, Rafael; ORTHOF PEREIRA LIMA, Geraldo. RECEITUÁRIO: GAROTÃO DE PRATA E REGATINHA SOBRE ROSA CHOQUE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-21.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

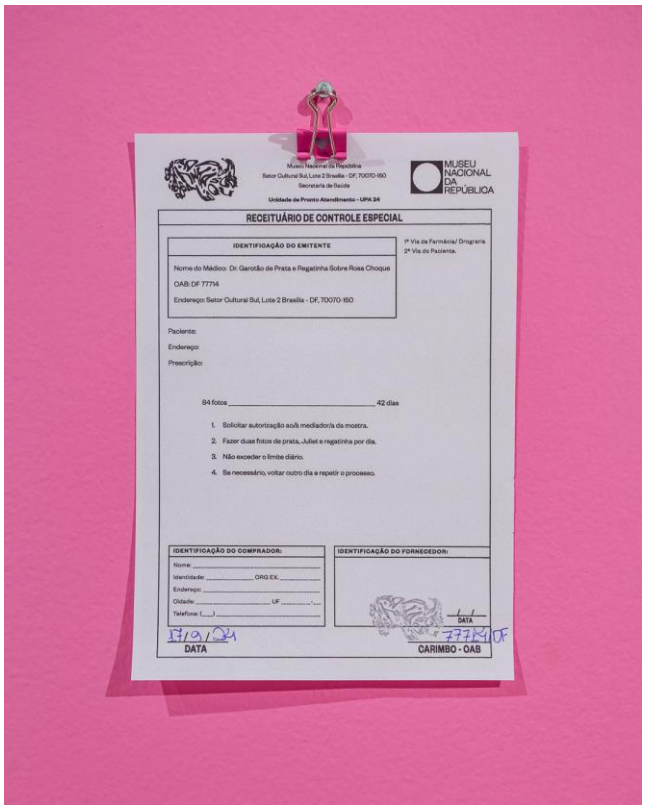
REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

2.1. Crítica institucional: “medicada ela é ótima”

O ponto de partida para a realização da obra foi a relação inusitada proposta por Letícia Miranda entre crítica institucional e o antidepressivo/ansiolítico Escitalopram, remédio seu de uso diário. A provocação levou Rafael da Escóssia a refletir sobre seu próprio medicamento de uso diário: PrEP, Profilaxia Pré-Exposição ao vírus HIV. A prescrição conjunta desses medicamentos (dois por dia) alude ao binômio da coautoria que orientou a maior parte dos trabalhos em dupla da série “Garotão de prata e regatinha sobre rosa choque”. Ao mesmo tempo, essa prescrição impõe limite diário de fotos instantâneas a ser observado (mas não necessariamente cumprido), que foi conveniente por conta do preço dos filmes e das limitações orçamentárias do projeto.

Figura 9 – Detalhe da obra “Receituário”



Fonte – Letícia Miranda e Rafael da Escóssia. “Receituário", 2024. Foto por Jean Peixoto.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Em apenas um dia da exposição, o limite de fotos foi desobedecido – pelo próprio artista, diga-se de passagem, que autorizou que uma foto a mais fosse feita no último dia de exposição. O funcionamento regular e rígido da obra deveu-se ao comprometimento dos mediadores da mostra, Bianca Brivarez e Ro Silva, sem os quais a obra e a exposição não teriam sido possíveis. Ademais, como havia classificação indicativa na mostra, os mediadores também selecionaram o público, evitando que menores de idade entrassem desautorizadamente. Além disso, foi acordado, devido à alta demanda para participar da ação, que uma foto seria feita no período da manhã e a outra à tarde. Retirar a câmera do espaço após a realização das fotos foi importante para garantir sua integridade e a realização integral da proposição (42 dias, 84 fotos).

A relação entre crítica institucional, compreendida como uma prática artística metodologicamente situada no tempo e espaço da exposição (Fraser, 2014), e o uso contínuo de antidepressivo e PrEP diz sobre o contexto imediato de relacionamento com a obra e interroga o visitante, que efetivamente realiza o trabalho com sua ação. Por esse motivo, preferimos o termo *happening* para categorizar a obra ao invés de "performance colaborativa", já que o programa performativo se dirigia ao público e aos mediadores, abrangendo, mas minimizando gradualmente a ação dos artistas que iniciamos o *happening*. (Ribeiro, 2010)

A proposição evoca a presença imediata do público diante da obra e situa a exposição e os participantes diante de si todos os dias, estabelecendo uma forma de registro do tempo enquanto duração da mostra no Museu Nacional da República. Todo dia, duas fotos, nem mais, nem menos. Hoje não é mais ontem e amanhã ainda faltam duas: a obra instaura um limite na ansiedade de realizar as fotos todas de uma vez – dialogando, também por isso, com o remédio na parede. Considerando essa dinâmica, vemos uma relação direta como que Beatriz Morgado de Queiroz (2018, p. 3327-3341) denominou de "curadoria de experiências", os espectadores estão em contato direto com a obra que só se concretiza pela "experiência participativa".

Nesse cenário, os mediadores e o público acrescentam uma camada de complexidade ao trabalho. Ao cumprirem com as regras apresentadas, eles possibilitam que a obra aconteça tal qual pensaram os artistas. Ao irem contra as

Volume 2026
ISSN 2319-0868

normas (ou buscarem brechas nelas), possibilitam que o trabalho vá além, avance em direção ao desconhecido. Nessa dinâmica, é possível notar o modo como "imposições" operam dentro de um ambiente controlado. Se compararmos isso ao uso contínuo de medicamentos (substância relevante dentro das questões aqui propostas), perceberemos que a intenção das prescrições é lançar um voto de confiança e encontrar meios de torná-las viáveis, mantendo os corpos dentro de um curso esperado, sustentando a ação dos corpos no mundo, produzindo.

Ainda que, à primeira vista, a proposição possa parecer passível de repetição em outros espaços e tempos, ela esbarra em seu pertencimento conceitual à exposição como um todo, uma vez que "Receituário" foi concebida para a mostra, levando em consideração as questões suscitadas pelo título da exposição e pelo programa que orientou a realização dos outros trabalhos. A reprodução da obra em outro lugar dependeria da exposição como um todo, que, por sua vez, foi viabilizada pela aprovação do projeto ao Fundo de Apoio à Cultura (FAC-DF). A relação que se estabelece entre a obra e a exposição a que pertence, portanto, especifica o lugar de sua inscrição (Museu Nacional da República) e sua dependência em relação ao tempo próprio da exposição (17 de setembro a 4 de novembro de 2024, de terça a domingo, de 10h às 18h30), bem como de todas as relações políticas que se deram para que ela se fizesse viável na instituição, quer dizer, as negociações entre os artistas, a produção cultural e o museu, cujo logotipo inclusive integra o receituário da obra.

"Receituário" expõe a relação entre artista e artistas, museu e artistas, museu e público e artistas e público. Não há paredes intransponíveis diante dessas relações. Por mais que as estruturas operem de forma rígida, a curiosidade e o interesse podem comparecer como potências. Por isso lançamos a ideia de "coautoria" como algo dinâmico e expansivo. Os artistas se provocam e dão respostas provocativas; o museu expõe suas diretrizes e os artistas e o público respondem; os artistas convocam e o público reage. Um ser implicado no outro. Por mais que a obra seja assinada por Letícia Miranda e Rafael da Escóssia, a matéria tal qual se apresenta só se sustenta pela presença do outro e por meio de suas subjetividades aparentes nas fotos instantâneas feitas durante a exposição, o que

Volume 2026
ISSN 2319-0868

coloca em xeque a própria noção de autor como "a pessoa física criadora de obra artística", nos termos do art. 11 da Lei n. 9.610/1998.

Insistindo em uma relação entre a obra e o uso diário de remédios (que em maior ou menor proporção regulam o corpo), notamos que para manter um corpo de pé é preciso de muitas mãos e muita consciência – uma dose por dia, de preferência, sempre no mesmo horário… Porém, cada corpo reage de uma forma. E essa reação muito nos interessa. Quando os visitantes percebem que podem fazer a foto em grupo, em diferentes lugares da galeria, explorando poses e ângulos, algo se abre. A regata, a corrente e os óculos estavam ali à disposição, prontos para serem usados e extrapolados. O que mudou das primeiras para as últimas fotos foi a reação de uma mesma receita sobre diferentes corpos. Um medicamento pode aprisionar ou libertar – quanta presença é preciso para saber qual verbo irá governar?

2.2. Ação e registro: "eu sou um objeto numa obra de arte"

Interessa-nos a relação entre ação e registro, motivo pelo qual também categorizamos a obra como instalação interativa, já que a produção e a inscrição dessas imagens promovem uma reflexão sobre a objetificação do corpo e a possibilidade que os rastros do *happening* sejam desdobrados em outras obras (como este texto). Essa relação é sugerida por Rafael ao discursar, logo antes de inaugurar "Receituário", que "hoje eu não sou uma pessoa, eu sou um objeto numa obra de arte", em referência à performance "*Official Welcome"*, de Andrea Fraser.

Figura 10 – Minha voz agradece



Fonte – Registro do discurso-performance "Minha voz agradece"[4] realizado na abertura da exposição Garotão de prata e regatinha sobre rosa choque, em 17 de setembro de 2024 no Museu Nacional da República. Foto por Jean Peixoto.

Figura 11 – *Official Welcome*



Fonte – Andrea Fraser. Official Welcome, 2003.

[4] A saber: https://www.youtube.com/watch?v=6BVjaFKU1hE. Acesso em: 10 abr. 2025.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Nesse trabalho, Fraser, uma das mais expressivas artistas associadas à segunda geração da crítica das instituições (Villegas; Colina, 2020, p. 49-ss), parodia as funções retóricas dos eventos de abertura institucional. "*Official Welcome*" questiona a relação entre artistas e mecenas: a certa altura, Fraser se despe completamente para sugerir o exibicionismo inerente envolvido na apresentação de arte.[5] Rafael evoca esse gesto de desnudamento simbólico ao tirar a camiseta e vestir a regatinha, sendo seguido por Letícia, em uma provocação direta ao público.

Ao compartilhar essa proposição performativa, os visitantes foram confrontados com a possibilidade de se despir no Museu Nacional da República, subvertendo a norma de "decoro institucional" esperada nesse espaço. Inclusive, a escolha do Museu Nacional da República para acolher a exposição se deu porque o Museu de Arte de Brasília (MAB), primeira opção, recusou-se a fazê-lo após um episódio em 2022, quando Rafael tirou a camiseta durante visita ao museu. A direção, desconfiada das intenções performativas do gesto, recusou-se a assinar a carta de anuência. Tal recusa levou-nos a procurar a direção do Museu Nacional, que prontamente aceitou acolher a mostra, demonstrando abertura ao tipo de provocação institucional proposto pela exposição.

2.3. Identidade, consentimento de uso de imagem e apropriação cultural

De juju na cara, sem pose, sem risadinha,
Com cara de mal, original, não sou modinha.
Várias nos odeiam, uns odeiam, é normal,
Mas como de lei, os faladores passam mal.
(MC Lukinhas JK)

Em "Receituário", a proposição se realiza quando os participantes portam a camiseta, a corrente de prata e a regatinha, tal como os parangolés de Hélio Oiticica. Enquanto dançar, neste último caso, parece uma bela forma de acionar a obra; em "Receituário", por sua vez, além de performar com os objetos no espaço, a fotografia instantânea nos pareceu a maneira mais adequada de atravessar a relação

[5] A saber: https://www.artic.edu/artworks/193360/official-welcome. Acesso em: 30 ago. 2024.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

contemporânea entre identidade, ação e registro, nos termos de uma controversa objetificação do corpo, ora presente para ser logo então representado fotograficamente.

Questões exploradas na obra como sexualidade, tabus e proibição se somam a outros questionamentos identitários e interseccionais próprios do nosso tempo, lançando atenção para o caráter performativo do gênero (Butler, 2003) e da própria identidade. Num primeiro momento, a frase “Garotão de prata e regatinha sobre rosa choque”, título da mostra que acolhe a obra, parece se referir a Rafael, percepção que é reforçada pelo ensaio fotográfico realizado diante do Museu Nacional para divulgar a exposição, em que o artista aparece vestido com os adereços disponibilizados ao público em “Receituário”.

Figuras 12 e 13 – Garotão de prata e regatinha sobre rosa choque



REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868



Fonte – Fotos por Jean Peixoto.

Nas fotos de divulgação, Rafael performa uma masculinidade gay sexualizada, inspirada no universo dos garotos de programa — referência recorrente em sua pesquisa. Essa performance remete aos anúncios de garotos de programa em sites especializados[6], nos quais os profissionais constroem suas imagens a partir de marcadores identitários e corporais — como raça, classe social, identidade de gênero, sexualidade e compleições físicas

Ao ser vivenciada, a proposição de "Receituário" provoca o público a construir sua própria versão do "Garotão de prata e regatinha sobre rosa choque" a partir da ação performativa com os adereços: a regata, a Juliet e a corrente de prata.

A fotografia instantânea adiciona uma camada conceitual ao trabalho, reforçando o sentido de objetificação já presente na performance. Sua materialidade — sempre imprevisível — e o gesto de doação espontânea por parte do público evidenciam o vínculo entre ação (presença) e registro (representação), convertendo o instante vivido em obra. Como se trata de um recurso limitado — tanto pela logística quanto pelo custo —, a foto é apropriada pelos artistas, sentido que é reforçado pelo termo de consentimento de uso de imagem.

[6] A saber: https://br.skokka.com/acompanhantes-masculinos/brasilia/; https://garotocomlocal.com.br/brasilia/; https://www.capitalsexy.com.br/acompanhantes-masculinos-brasilia-df. Acesso em: 12 fev. 2025.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

> Ao fixar minha foto polaroid no calendário, AUTORIZO, de forma livre e espontânea, em caráter gratuito, irrevogável, irretratável e por prazo indeterminado, a utilização de minha imagem na obra "Receituário", de autoria de Letícia Miranda e Rafael da Escóssia, e sua divulgação na mídia impressa (livros, catálogos, revistas, jornais, entre outros), televisiva (propagandas para televisão aberta e/ou fechada, vídeos, filmes, entre outros), Internet, banco de dados informatizados, multimídia e qualquer outros meios, obrigando inclusive eventuais herdeiros e sucessores.

A doação livre da própria imagem, sem qualquer contrapartida além da experiência vivida, assume um sentido expropriatório — uma metáfora visual da apropriação cultural, em que corpos e signos são tomados, ressignificados e transformados em objeto de consumo e circulação. Os adereços, sobretudo a Juliet e a corrente de prata, guardam relação com a cultura pop contemporânea do hip-hop, rap, trap e funk. Em inúmeras músicas, faz-se referência ao combo Juliet e corrente de prata, denunciando-se marcadores identitários e abrindo margem para questionamentos a respeito dos sentidos e alcance da ideia de apropriação cultural.

> Aí podia ser a Squared
> Aí podia ser a Juliet
> A Romeu 1, a Romeu 2
> A coleção só falta a Double-X
>
> “Fantástico Mundo da Oakley”, de Kyan e Mu540
>
> De Kenner
> Os cria da VIP vai de Kenner
> Nove em dez no baile tão de camisa do Messi
> Cyclone, bigodin finin', corrente, Juliet
> Da mesma cor pra combinar com o Kenner
>
> “De Kenner”, de FBC e VHOOR
>
> De Juju na cara, 'belo disfarçado, com a autoestima em cima
> Ela não tomou cuidado, se entregou e ficou apaixonadinha
> Pescador véi' de guerra, mais uma sereia pra minha rede
> Mas como isso não é novela, botei pra mamar na Renegade
> No movimento que sobe, que desce, gostosa me excita
> Seu amor me fortalece, seu bumbum endurece minha pica [...]
> Sem brava pra vim com o bumbum, essa é a coreografia
> Sua raba é obra de arte desenhada por estrias
> Mona, vem na lisa que hoje eu vou te dar um trato
> Senta e divulga pra amiga que 'cê conheceu Picasso
>
> “Obra de arte”, de MC Rick

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Apenas uma pessoa, após realizada a fotografia e assinado o termo de consentimento de uso de imagem, desistiu e pediu que sua foto fosse retirada do calendário. O problema suscitou a discussão se a foto retirada poderia ser dada para a participante. Decidimos não entregá-la, por entender que a imagem produzida não pertence ao público. Ceder a esse pedido traria uma dimensão de souvenir à foto — algo que diluiria as proposições críticas do trabalho e abriria precedentes para futuras solicitações semelhantes.

No entanto, ainda que os artistas, em função do termo de consentimento de uso de imagem, não estivessem obrigados a isso, retiramos a foto do calendário, sob compromisso de que não a iríamos divulgar. Depois desse episódio, passamos a reforçar a obrigatoriedade da leitura e assinatura do termo de consentimento antes da realização da fotografia – o que destaca mais uma vez a importância da mediação na realização do trabalho.

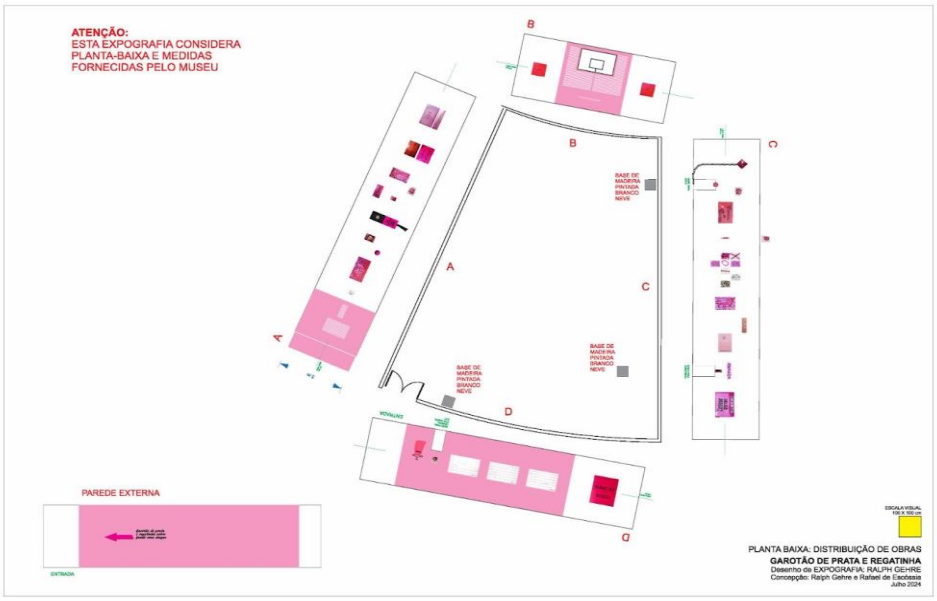
Pensando identidade, corpo e as implicações por trás desses dois substantivos, temos o contraste dos nossos corpos. De um lado fala uma mulher cis, negra; do outro lado fala um homem gay, branco. Vivências e presenças distintas no mundo. As subjetividades são somadas para provocar, para instigar. O que pode, enfim, um corpo marcado por rótulos e suposições? Talvez pouco — mas, como escreve Jean-Luc Nancy (2012, p. 54), a precisão do corpo "é aqui e em nenhuma outra parte". Invocamos, assim, um trabalho atravessado pela presença: para fincar (também) nossos corpos no mundo. Há uma liberdade em ser um “Garotão de prata e regatinha sobre rosa choque” – uma chance de jogar com a ideia de ser um outro.

3. Considerações finais

No contexto da exposição “Garotão de prata e regatinha sobre rosa choque”, é a obra “Receituário”, “última” na expografia da mostra, que lhe confere certa circularidade, no sentido de interrogar diretamente o público e instigá-lo a dela fazer parte. Posicionando a pergunta aqui e agora, ou melhor, em algum dia entre 17 de setembro e 3 de novembro de 2024, no Museu Nacional da República, marcadores identitários se explicitam por meio da apropriação cultural de uma Juliet, uma regatinha rosa-*schocking* e uma corrente de prata.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 14 – Plano expográfico da mostra "Garotão de prata e regatinha sobre rosa choque"



Fonte – Ralph Gehre e Rafael da Escóssia. A obra Receituário está indicada na parede D.

Aquilo, no entanto, que a princípio parece dizer respeito ao artista isoladamente, se pulveriza em corpos objetificados e transformados em obra – o que evidencia a ação como "fator significante" do trabalho (Ribeiro, 2010). Esse processo desloca a reflexão para as instituições internalizadas, dialogando com a obra de Andrea Fraser (2005), que reconhece a dificuldade para compreender onde as instituições efetivamente começam e terminam – e podemos acrescentar uma interrogação a mais: onde começa e termina a relação entre corpo e espaço?

Um corpo tornado instituição mediante sucessivos processos de legitimação – a exemplo das parcerias artísticas, do fomento público e da importância do espaço cultural que acolhe a mostra –, abriga também mistério irresoluto, que é compartilhado com um público estranhamente familiar, ainda que radicalmente diverso. A performance, que parecia centrada no artista, se volta contra o público, convertendo-o em obra – um *happening* que desvela o cotidiano como norma introjetada, dilui a autoria como dispositivo e se multiplica em perguntas sem resposta, tantas quanto os corpos ali presentes.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Referências:

QUEIROZ, Beatriz Morgado de. “Curadoria de experiências” – percurso da tese. In: A**nais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p. 3327-3341.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. In: **Sala Preta**, [S. l.], v. 8, p. 235-246, 2008. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373. Acesso em: 12 fev. 2025.

FRASER, Andrea. O que é Crítica Institucional? In: **Concinnitas**, ano 15, v. 2, n. 24, dez. 2014.
_____. From the Critique of Institutions to an Institution of Critique. In: **Artforum**, v. 44, n. 1, pp. 100 – 106, set. 2005.

NANCY, Jean-Luc. **58 indícios sobre o corpo**. Revista da UFMG, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 42–57, 2012. DOI: 10.35699/2316-770X.2012.2710. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2710. Acesso em: 26 fev. 2025.

RIBEIRO, Fernando Cesar. *Action painting, happening* e *performance art*: da ação como fator significante à ação como obra nas artes visuais. In: **VISUALIDADES**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 113-137, jul-dez 2010.

VILLEGAS, Daniel; COLINA, Laura de la. **Proyectos II. Prácticas contextuales**. Barcelona: Fundació Universitat Oberta de Catalunya (FUOC), 2020.

Recebido em: 10/04/2025.
Aceito em: 15/07/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Rafael da Escóssia Lima
Artista e advogado. Doutor e Mestre em Artes Visuais e Bacharel em Direito pela Universidade de Brasília (UnB). Processa as provas que inventa contra si, de forma a proferir sentenças poéticas. Interessa-se pela performance da palavra como discurso jurídico e pela crítica das instituições. Por meio de parcerias e experimentações em diversas linguagens, pesquisa identidades, valor, pena e culpa.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5255-0018
E-mail: rafaeldaescossia@gmail.com

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Letícia dos Santos Miranda
Letícia Miranda (1996) vive e trabalha em Brasília. É poeta, artista visual, integrante do Clube de Colagem de Brasília, formada em Letras pela Universidade de Brasília (UnB), especialista em Fotografia pela Faculdade Unyleya, mestra em Artes Visuais pela UnB, doutoranda em Artes Visuais pela UnB e professora de Língua Portuguesa na Secretaria de Educação. Interessada em elaborar recintos de criação, desenvolve pesquisas relacionadas ao tempo e ao espaço.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6028-0700
E-mail: leticiadsmiranda@gmail.com

Geraldo Orthof Pereira Lima
Gê Orthof é artista e professor no Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, onde coordena o grupo de pesquisa da condição anfíbia: a-método-artifício - PPGAV/UnB. Realizou Doutorado em Artes Visuais na Columbia University-NYC e Pós-Doc no Museum of Fine Arts - Boston e na Penn State School of Visual Arts- PA. Artista vencedor do Prêmio CNI – Marcantonio Vilaça, São Paulo, 2015; Artista Selecionado Prêmio PIPA - 2019 e 2010 (membro do comitê de indicação 2011) e Best Group Exhibition of the Year, Hyperallergic Art Magazine, NY, 2017, entre outros. Exposições recentes: “The Queer Museum” Chelsea College of Arts, Londres, 2024. “Entre/Athos”, coletiva, Galeria Index, Brasília, 2024. “o silêncio é uma confusão”, individual, Alfinete Galeria, Brasília, 2023. "nenhum poema brota de uma terra desperdiçada" individual, Referência Galeria, Brasília, 2022. “Viberations, Illges Gallery of Columbus State University, 2020.
ORCID: https://orcid.org/0009-0000-2695-437X
E-mail: georthof@gmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

MIRANDA, Letícia; DA ESCÓSSIA LIMA, Rafael; ORTHOF PEREIRA LIMA, Geraldo. RECEITUÁRIO: GAROTÃO DE PRATA E REGATINHA SOBRE ROSA CHOQUE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-21.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br